

OS PROCESSOS DE RUPTURA E CONTINUIDADE EM RELAÇÃO ÀS FORMAS DE LEMBRAR E ESQUECER SOBRE A TRAJETÓRIA DA ESCOLA DE SAMBA DEIXA MALHAR

Sormani da Silva Neab-Uerj
sormanisil@oi.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo foi analisar a trajetória da Escola de Samba Deixa Malhar, cuja finalização das atividades se deu no ano de 1943, no fim do Estado Novo. Questionei a inadequação do uso das palavras “extinção” e “desaparecimento”, como discurso capaz de representar os fatos relativos ao fechamento da Escola de Samba, por entender que tais palavras não são adequadas se considerarmos a análise do contexto histórico e o lugar que a instituição passou a ocupar na memória social brasileira.

Palavras-chave: Escolas de samba. Cultura negra. Memória social.

THE PROCESSES OF RUPTURE AND CONTINUITY IN RELATION TO THE WAYS OF REMEMBERING AND FORGETTING ABOUT THE SCHOOL OF SAMBA “DEIXA MALHAR” TRAJECTORY

Abstract: The objective of this paper is to analyse the trajectory of the School of Samba “Deixa Malhar”, that finished its activities in 1943, at the end of the period called “Estado Novo”. I contest the inadequacy of the words extinction and disappearance, as related to the fact of the closing of the School of Samba, considering that these words are not appropriate when examining the historical context and the place “Deixa Malhar” occupies in the social Brazilian memory.

Keywords: School of Samba. Black Culture. Social Memory.

Introdução

A partir de fontes orais e registros de jornais questionamos as práticas culturais de lembrar e esquecer sobre a trajetória da Escola de Samba Deixa Malhar, a partir de 1943, quando realizou sua última apresentação no “carnaval de guerra”. Ao tomarmos como fio condutor a fala do compositor Rubens da Vila, propomos a percepção de uma “fronteira seletiva”, onde se articularam diversos mecanismos de constrangimentos, e que foram mantidos de certa forma submersos nas narrativas sobre as escolas de samba.

O trabalho contextualiza o período da Segunda Guerra Mundial, que foi de suma importância para a compreensão do processo de construção do samba como símbolo nacional. Equacionamos a formulação das referidas práticas

culturais, sobre as memórias subterrâneas da Escola de Samba Deixa Malhar em três perspectivas: fechamento em 1943, desaparecimento em 1945, e extinção em 1947, a ideia central é possibilitar um olhar sobre as memórias em disputa.

Pollak (1989, p. 3) destacou a relação do conceito de memória coletiva, advindo dos estudos Maurice Halbwachs, e Pierre Nora, o qual enfatiza a importância dos pontos de referência que estruturam a memória: patrimônio arquitetônico, as paisagens, as datas, tradições, costumes, folclore e música. A partir desta discussão o sociólogo destaca a necessidade de enfatizarmos uma abordagem construtivista. Assim entendemos que é possível inserir nesta discussão os limites entre a memória coletiva e as memórias subterrâneas da Escola de Samba Deixa. Michael Pollak ao fundamentar a questão dos relatos orais, percebe a necessidade de estudos que busquem a pluralidade da realidade e dos atos, estabelecendo assim cronologias plurais, que resultem na multiplicidade de vivências dos grupos sociais.



Celebração do dia de São Sebastião. JORNAL O IMPARCIAL 21/01/1941 pg.12

II—Os discursos sobre o fechamento da Escola de Samba Deixa Malhar no esforço de guerra

Na entrevista com o compositor Rubens da Vila, em 2010, tomei conhecimento que a Deixa Malhar foi fechada no fim do Estado Novo. Tal lembrança coaduna-se com os registros que encontramos nos jornais, os quais confirmam que a sede da agremiação foi fechada (ESCOLAS..., 1943) por

ordem do chefe de polícia Alcides G. Etchegoyen (FECHADO..., 1943), em maio de 1943 (FECHADA..., 1943).

O compositor Rubens da Vila revelou ainda que contou esse acontecimento para diversas pessoas, algumas acreditaram e outras não. E diante também talvez de minha provável descrença, ele resumiu de forma cética: “*O que passou, passou*”. Pollak relacionando tais questões ao conceito de memória coletiva afirmaria que os “fatos sociais viraram coisas” (1989, p. 3), ou seja, frutificando o esquecimento.

Contextualizando a fala do compositor Rubens da Vila compreendemos que sua contribuição pode nos proporcionar uma perspectiva muito interessante sobre a trajetória das Escolas de Samba e de outras vivências do samba na primeira metade do século XX. Afinal para termos uma ideia, Edson Carneiro, um dos primeiros estudiosos que formularam o conceito de samba no Brasil, teve a oportunidade de realizar o seu trabalho de campo no Morro do Salgueiro somente em 1953. A partir dos anos de 1970, quando os estudos sobre samba ganharam uma nova dimensão, a Deixa Malhar vem sendo lembrada sem muito destaque, seja apenas como antigo bloco carnavalesco que sediou a primeira reunião da União das Escolas de Samba em 1934, ou como agremiação do famoso Mano, Elói líder do sindicato da Resistência (CABRAL, 1974; SANTO, 2011; SILVA, 2014).

Em 1943, o cronista Berilo Neves elaborou sua crônica destacando um boato que rondava pela cidade sobre o fechamento da Deixa Malhar:

ESCOLAS DE SAMBA: A POLÍCIA resolveu fechar a Escola de Samba “Deixa Malhar!” Não se conhecem os motivos da providência, mas o simples título da “escola” estava a exigir remédio pronto e amargo [...]. As escolas de samba nasceram da falsa interpretação de fenômeno popular (ESCOLAS..., 1943, p.7).

O discurso do escritor Berilo Neves nos coloca diante de um documento de muita relevância para compreendermos o complexo processo de ascensão das Escolas de Samba, pois evidencia como esse tipo de escola de samba incomodou as autoridades do regime, e especialmente por manter a herança africana, que para muitos deveria ser extinta.

Naquele contexto social, o país já tinha sido torpedeado pelas forças do Eixo, aspecto que resultou, além do prejuízo material com o afundamento de diversos navios. O lema “Fora o Eixo”, que se iniciou numa peça no teatro recreio, ganhou as ruas da cidade com a população exigindo a participação do Brasil na guerra: “Rumo as Áfricas”, conforme fig 2 (CARNAVAL..., 1943), era o que se lia em um dos cartazes que a Escola de Samba Deixa Malhar levou para Avenida Rio Branco, caracterizando com isso o conflito mundial.



Fig 2. Revista da Semana 13/01/1943 p.20.

O escritor Berilo Neves percebeu na notícia sobre o fechamento da Escola de Samba Deixa Malhar, mais uma ação ligada as medidas que visavam mobilizar a população brasileira para a guerra, afinal naquela conjuntura de radicalismos até alguns clubes sociais ligados a grupos de imigrantes também foram fechados. Todavia o cronista aproveitou o contexto para tecer as suas considerações sobre o fenômeno das Escolas de Samba, como “vestígio” da sociedade escravista.

III- Os discursos sobre o “desaparecimento” do “clube” Deixa Malhar

Para Lopes em sua Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, o nome Deixa Malhar aparece como uma escola de samba “desaparecida” em 1945 (2004, p. 413). Neste ponto, a abordagem da agremiação como desaparecida também pode ser articulada a concepções que migraram dos

estudos sobre folclore. Mas a partir de um caminho inverso ao processo de folclorização da cultura negra, uma análise na perspectiva da diáspora, entende que é fundamental problematizar os rastros que permaneceram nas memórias e na história do samba carioca. O rastro surge como emblema de uma falta, uma ausência de algo que fora silenciado no sentido de projetar uma memória coletiva, mas que não está completamente ausente. Com isso, a fala do compositor Rubens da Vila nos possibilitou uma chave de leitura para entendermos não o que de fato levou ao fim da escola de samba “Deixa Malhar”, mas a discussão silenciada.

Pollak (1982) ao refutar as políticas de enquadramento argumenta que mesmo com toda adversidade, é possível que as memórias subterrâneas sobrevivam em relação à figura do desaparecimento. No caso da Deixa Malhar, ela ecoou em forma de mitos, fragmentos. Deixa Malhar, além da privilegiada memória do compositor Rubens da Vila, resistiu, e fixou seus rastros em várias instituições de carnaval na cidade: Na cor do pavilhão dos Acadêmicos do Salgueiro e na bateria que foi doada por Mano Elói para o Império Serrano.

O cantor Bezerra da Silva formulou de forma muito simples a sua teoria do esquecimento. “As histórias são verídicas, elas ficam engraçadas porque ninguém acredita mais nelas” (BEZERRA..., 1980, P. 10). A questão central reside no peso das chamadas memórias coletivas, pois a sua afirmação implica no apagamento dos referências individuais. Acredito que isso resultou, pelo menos por certo período no sentido de ocultar o “desaparecimento” e o “fechamento” da Deixa Malhar da memória social. Desta forma como a memória deve ser entendida como um processo em construção, estamos diante de um processo que se articula na multiplicidade de abordagens.

Mas a palavra desaparecimento pode nos conduzir a elementos de ordem empírica, seguindo a cronologia destaca por Lopes (2004) nossa pesquisa registrou que muitos moradores da Chácara do Vintém perderam suas residências, inclusive a Deixa Malhar que ficou sem a sua sede, onde se praticava o jogo da malha. Assim constatamos através do jornal Diário da Noite, a iniciativa de alguns membros da agremiação que tentaram manter o “nome” da “Deixa Malhar” como Clube esportivo em outro local no centro da cidade, mas o clube não recebia os convites para as competições como antes (CORRESPONDÊNCIA, 1945).

Nesta época, muitos moradores se organizaram em torno dos comitês de mobilização da região da Chácara do Vintém, que lutavam contra as ações de remoção na região. Sendo assim, contavam naquela conjuntura, com o apoio de membros do Partido Comunista do Brasil, que se aproximou dos sambistas. Neste mesmo contexto os moradores do “Morro da Liberdade” criaram uma nova escola de samba em virtude do fechamento da Deixa Malhar em 1943, era a “Malha quem Pode” (O POVO..., 1946).

Constatamos através de trechos letra do samba da Escola de Samba “Malha quem pode”, que ficaram muitos ressentimentos entre os sambistas. Entre os que ficaram na comunidade, participando dos comitês populares da Chácara do Vintém através do Partido Comunista, e os que buscaram opções em outros espaços. Enfim, foram momentos de disputas políticas que marcaram o mundo do samba além da passarela de desfiles, resultando numa espécie de enquadramento de trajetórias, e reduzindo muitas vezes a riqueza do debate para o mundo do samba.

IV – Discurso sobre a “extinção” da Escola de samba Deixa Malhar

Numa entrevista que realizei com o compositor Djalma Sabiá em junho de 2013, o sambista disse que também foi membro da Deixa Malhar, e lembrou que era muito jovem naquela época. Criterioso no uso das palavras ele lembrou a seguinte questão: “Aí o presidente da escola Elói Antero Dias (Mano Elói), que comandava a estiva, se aborreceu e acabou com a escola e levou os instrumentos prá Serrinha” (SILVA, 2014, p. 77).

Para o compositor Djalma Sabiá, o fim da Deixa Malhar derivou de uma questão interna da escola de samba, e sua trajetória pode ser articulada na perspectiva de “extinção”, versão que está consagrada nas narrativas de Silva (1981, p. 54). Percebi que nesta perspectiva não há qualquer tipo de ligação da extinção da Deixa Malhar com fatores do contexto da guerra, como fizera, por exemplo, o cronista Berilo Neves, em sua crônica logo após o carnaval de 1943. Assim como o sambista Rubens da Vila, ao anunciar a sua participação na Deixa Malhar. Uma boa hipótese para compreender o problema é que talvez na perspectiva de “extinção” essa questão é silenciada. Neste caso estamos diante de um acontecimento onde se utilizou o artifício da fuga, isto é, no sentido de não abordar um fato delicado para geração de sambistas que viveu

o contexto do Estado Novo. Parte dessas experiências podem ter se transformado numa memória herdada, e compartilhada, afinal falar em fechamento de escola de samba, vistas como símbolo máximo da identidade nacional provocaria profundas polêmicas. Nesta abordagem silêncio ou o esquecimento se articulam como uma prática cultural. Assim, o nome Deixa Malhar desluiu-se do formato institucional para situa-se como um rastro nos textos sobre samba. E o rastro torna-se sociedade brasileira um instrumento essencial para nos contrapormos às políticas de esquecimento.

Santos destacou a importância de incluirmos nos estudos sobre memória a valorização da subjetividade, de como os corpos reagem às experiências de medo, dor e humilhação. Nesta perspectiva emoções e sentimentos se transformam em “lugar de memória” (2004, p. 41).

No fim dos anos sessenta, em pleno regime militar, e na altura de seus 80 anos o sambista Mano Elói, o fundador da Deixa Malhar em 1934, foi procurado por uma repórter na sede do Império Serrano. A mesma desejava um caso, ou uma história do veterano sambista de Madureira para montar uma matéria, ele proferiu a seguinte frase: “História interessante é de ‘nega’, que sempre me quiseram muito bem e hoje em dia, me tomam a benção e me chamam de avo” (GOVERNADOR..., 1968, p. 17).

V- Considerações finais

O objetivo foi mostrar como discursos aparentemente diferentes se complementam ao explicitar a rica experiência das escolas de samba no período da Segunda Guerra Mundial. Aspecto ainda pouco estudado. Por outro lado, os discursos sob a nomenclatura de “desaparecimento”, “extinção, e “fechamento” se diferenciam evidenciando num campo discursivo as memórias em disputa, ou as lógicas dos “enquadramentos. Assim as práticas culturais de lembrar e esquecer fazem da memória um discurso carregado de tensão, que devem ser entendidos em seus contextos, e articulados através de uma perspectiva que possibilite diversos olhares sobre a trajetória da escola de samba Deixa Malhar.

Referências Bibliográficas

- BEZERRA da Silva e Dicro: cronistas da vida madrasta sabem que a vida não é lirismo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 3 nov. 1980.
- CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba: o que, quem, como, quando e por quê**. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.
- CARNAVAL DA VITÓRIA. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, mar. 1943.
- CORRESPONDÊNCIA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 12 set. 1945.
- ESCOLAS DE SAMBA. **Jornal A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 27 mar. 1943.
- FECHADA a Escola de Samba “Deixa Malhar”. **Jornal A Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, 21 mar. 1943.
- FECHADO o grêmio recreativo. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 10, 22 mar. 1943.
- GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, I.T; GONDAR, J. **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2000.
- GOVERNADOR declara que são infundadas as informações sobre o despejo da Império Serrano. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 17, 28 mar.1968.
- LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- POLLAK. Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. 1986.
- _____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5. 1992.
- O POVO SE DIVERTE. **Jornal Tribuna Popular**, Rio de Janeiro, p. 6, 17 fev. 1946.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória coletiva e identidade coletiva**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SANTO, Spirito. **Do samba ao funk do Jorjão: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil**. Petrópolis: KBR, 2011.
- SILVA, Marília T. Barbosa da; OLIVEIRA, Arthur filho. **Silas de Oliveira: do jongo ao samba enredo**. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.
- SILVA, Sormani da. **Escola de Samba Deixa Malhar: batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Elói na chácara do Vintém entre 1934 e 1947**. 2014. Dissertação (Mestrado)—Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ/PPRER, Rio de Janeiro, 2014.